

# criação & crítica

Nº39

CORES MUITO VIVAS

Francisco Oliveira<sup>1</sup>

Meu filho, essas paredes, esse telhado, o próprio céu que a gente vê daqui com os olhos não é nada. Isso tudo pra Ele não é nada. Se for de Sua vontade até o próprio céu pode ruir sobre nossas cabeças. Dizem que no dia certo um buraco escuro vai se abrir no céu, engolindo o sol, todas as estrelas, as nuvens, os vivos e os mortos. E nós viveremos eternamente com Ele se formos bons.

— E quando vai ser isso, mãe?

— Ninguém sabe, só Ele.

— Ah...

— Quando Ele nasceu, mãe?

— Ninguém sabe, Ele é o criador. Ninguém cria Deus, ele que cria tudo.

— Eu fico com medo.

— Você não tem que ter medo Dele, Ele é bom, e, se você também for, não precisa ter medo.

A televisão havia queimado há alguns dias, alguns capítulos da novela foram perdidos, e durante a noite só duas distrações se apresentavam, um rádio antigo no

---

<sup>1</sup> Doutorando em Ciência Política pela Universidade de Brasília (PPGCP/UnB). Mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás (PPGS/UFG). Graduado em Ciências Sociais - Sociologia - pela Universidade de Brasília (UnB). Graduado em História pela União Pioneira de Integração Social (UPIS/DF). Tem experiência em análise de políticas públicas, acompanhamento de matérias legislativas, educação, elaboração de projeto pedagógico institucional, adaptação curricular, gestão de projetos na área de cultura e educação, parcerias com representações diplomáticas, e pesquisa histórica, tendo atuado nos seguintes temas: patrimônio cultural material e imaterial; cidades históricas; políticas de multiculturalismo; legislação brasileira de cultura; legislação brasileira de educação. Possui publicações de cunho literário (ISSN/ISBN). Pesquisa os campos da teoria política, teoria sociológica, segregação urbana, racismo e neoliberalismo. É pesquisador do INCT Observatório das Metrôpoles - Núcleo Brasília. Contato: oliveira.francisco.c@gmail.com

# CRIAÇÃO & CRÍTICA

Nº39

qual só era possível sintonizar uma estação e a voz da minha mãe, falando tudo o que lembrava que tinham contado a ela sobre Deus.

Cheio de pavor e encantamento, com o coração acelerado, eu olhava as telhas de amianto encaixadas fragilmente sobre as talas de madeira e as paredes de alvenaria, que, com cimento e suor, foram fixadas ali por meu pai. Eu o havia visto fazendo aquilo ao longo de algumas semanas e pensei que todo o conhecimento e poder que ele próprio tinha é que eram capazes de nos proteger do tempo. Eu morria de medo da chuva, e ele sempre brigava comigo.

Com firmeza áspera na voz, me explicava que eu era um menino tonto. A chuva era uma coisa boa, se eu lembrasse onde vivíamos de primeira, ia agradecer quando chovesse, quando ouvisse os trovões, e meus olhos fossem surpreendidos pela claridade bruta do roçado no meio da noite.

Mas agora o poder de seu suor e de seus conhecimentos limitados sobre obra haviam se reduzido a nada, um nada importante, tão importante que ele não estava em casa.

O pai trabalhava à noite. Se Deus quisesse ia voltar pela manhã, e nós sentaríamos à mesa junto dele, morto de cansaço, depois de ficar a noite inteira em claro vigiando o sono alheio, agradeceríamos pelo pão de cada dia rindo de qualquer bobagem dita por mim, por ele ou por minha mãe. Seu cansaço não tinha descanso.

As conversas com minha mãe se seguiram por algum tempo, até que eu consegui saber tudo que ela sabia sobre Deus, porque realmente não eram muitas coisas. Eu tinha seis anos e minhas perguntas se repetiam, ela em toda sua santíssima paciência voltava a dar as mesmas respostas. Assim foi até que meu pai mandou consertar a TV e voltamos para a novela.

Eu hasteava essas lembranças em minha cabeça, como uma bandeira trêmula ao lado de uma imensa chama, enquanto me barbeava, ocupado em livrar-me temporariamente do meu bigode ralo.

# CRIAÇÃO & CRÍTICA

Nº39

A loucura é algo que vem de repente, eu pensava. Outro de mim andava pela casa pensando em outras coisas, mas eu não o deixava conversar comigo. O Gillette me beliscava arrancando gotículas de sangue do meu rosto preocupado. Meus olhos fixos em minha própria imagem.

Naqueles dias em que meu coração ainda se avexava com as conversas de minha mãe sobre Deus, eu fantasiava com meu helicóptero de brinquedo e com meus soldadinhos um mundo longe dali. Inventava histórias que de forma alguma eram loucuras, apenas fugas temporárias do bairro sem água encanada, do banho de chafariz, da minha mãe passando mal por conta das preocupações com a dispensa, do cansaço sem descanso do meu pai, e de todas as nossas impotências diante das vontades divinas.

Eu estava em uma missão para resgatar um soldado perdido em um deserto. Muitos homens morreram durante a guerra, e eu pilotava. Procurava sem sucesso meu companheiro. Nós não queríamos lutar, queríamos ir para casa, mas agora ele estava perdido. Eu copiava tudo dos filmes da TV.

Todos os dias eu procurava aquele soldado, e lembrava que não havia nada que eu pudesse fazer se fosse da vontade de Deus que ele estivesse morto. Uma missão complicada na qual eu pousava o helicóptero em um lugar muito estranho. Corria dos inimigos, meu capacete caía na lama e rapidamente afundava, eu morria em busca do meu amigo, a brincadeira tinha sempre o mesmo final. Eu não sabia ser herói.

Gritos estridentes me acordaram da brincadeira aquele dia. Uma mulher saiu correndo de casa. Ela arfava em desespero e, de forma quase incompreensível, tentava falar. Meu coração palpitou como quando ouvia as histórias da minha mãe.

— Ele tá com uma faca, ele tá com uma faca!

Os vizinhos saíram de suas casas sem pressa, um tom estranho de normalidade baixou sobre aquela pintura, e minha cabeça pediu que eu corresse pra dentro de casa, minha mãe bradou do terreiro.

# CRIAÇÃO & CRÍTICA

Nº39

— Anda pra casa! Eu paralisado.

O homem gritava de uma das janelas da casa empunhando uma faca, falando coisas embaralhadas. Minha mãe me agarrou pelas costelas, me colocou pra dentro do terreno e ficamos olhando a cena pelas grades do portão.

Os vizinhos acolheram a mulher sentada chorando no meio da rua. Em poucos minutos uma viatura da polícia e uma ambulância dos bombeiros chegaram. Eu estava com as mãos e o rosto gelados em pleno sol de setembro.

O homem saiu da casa aos berros, os policiais tentavam acalmá-lo. Não se mova ou vamos atirar!

— Não mata ele não seu moço, ele é doido, toma remédio, pelo amor de Deus, não mata ele! Desesperada a mulher estapeava ajoelhada as suas coxas. Primeira vez que eu me deparava com o desespero e a morte fora da tela da televisão, fora das minhas fantasias copiadas dos filmes.

Lembrança de cores muito vivas, o rosto da minha mãe sugado pelo medo, meu pai acordou de sua falta de sono e juntou sua curiosidade à nossa. Nós três abismados com o que acontecia do outro lado do portão, agachados de curiosidade. Meus cabelos quebrados e cheios de poeira balançavam com o vento.

— É a ira de Deus. Falou minha mãe em voz baixa.

— A polícia vai moer esse cara. Meu pai cheio de cansaço.

De súbito, no meio do tumulto, o homem correu até a viatura da polícia e se jogou ao chão numa tentativa de cortar um dos pneus com sua faca reluzente. Antes que conseguisse dar por si, foi contido com violência e largou a faca depois de um tiro. A terra bebeu seu sangue instantaneamente. Aplausos.

O depositaram com fúria na ambulância dos bombeiros, que juntamente com o carro da polícia arrancou rapidamente levantando toda a poeira do chão. Longo tempo até que se pudesse ver de novo o outro lado da rua.

— O cara tá doido. Isso não é cachaça. Disse meu pai.

A mulher entrou em casa com alguns vizinhos consternados.

# criação & crítica

Nº39

— Pra onde levaram ele, mãe?

— Só Deus sabe, meu filho.

— Bora, todo mundo pra dentro, que diabo de ideia ficar aqui com a polícia atirando no povo. Meu pai era um homem sensato. Às vezes sem ação, mas sensato.

Eu no banheiro, rosto liso e essas lembranças me encucando.

Seco meu queixo, vou até a sala, calço meus sapatos, aperto minha gravata. Da janela eu vejo os jardins do prédio e sinto o cheiro das flores. Eu agora morava num lugar muito diferente. Mas a loucura, ela acontece de repente, divago de novo sem muitos critérios.

Vou até a cozinha, olho as facas e empunho aquela que noto estar mais afiada até ela ficar na mesma altura que a bandeira e o fogo dentro da minha consciência. Ela reluz como a faca do homem louco que sangrou anonimamente em uma das satélites da capital. Elas se tornam uma coisa só. A lâmina e o cabo branco eram idênticos. Eu penso nas lágrimas vertidas no enterro daquele senhor, e me dou conta de que dia desses li no jornal que o maior cemitério da cidade já não tem mais pra onde crescer.

O outro de mim puxa conversa, eu o ignoro, ele volta a caminhar pela sala sem rumo. Enfio os dedos entre os meus cabelos, tenciono arrancá-los. Que grande filho da puta!

Submetido em: 26/11/2023

Aceito em: 14/08/2024